MARCAS DE REFERENCIAÇÃO DA IRONIA- UM ESTUDO EM LINGUÍSTICA TEXTUAL

12

Nicole Ribeiro da Silva (UNILAB/FUNCAP)[1]

Mariza Angélica Paiva Brito (UNILAB/FUNCAP)[2]

RESUMO

Este trabalho analisa as marcas de ironia sob a perspectiva da Linguística Textual, como parte do projeto "Estratégias argumentativas e a influência sobre o terceiro em textos irônicos". A pesquisa, realizada em colaboração com o Grupo de Linguística Textual (GELT) e o PROTEXTO da UNILAB, foca nos fenômenos tecnolinguageiros (PAVEAU, 2021) em textos irônicos publicados na rede social X (Twitter), utilizando a referenciação como estratégia argumentativa. A ironia é compreendida como um fenômeno linguístico de crítica e argumentação, capaz de subverter expectativas e criar novas formas de interação discursiva (HUTCHEON, 2000). O presente estudo investiga como usuários constroem significados irônicos em suas produções discursivas, especialmente em textos que abordam a política brasileira. O corpus é composto por 10 textos irônicos retirados do Twitter, selecionados com base em seu caráter político. Analisaremos neste artigo 4 postagens das 10 coletadas. A pesquisa, de abordagem qualitativa e com objetivo descritivo-exploratório, analisa diferentes manifestações contextuais da ironia como estratégias referenciais em textos digitais. A fundamentação teórica baseia-se em Cavalcante et al (2022), Paveau (2021), Hutcheon (2000), Marques (2016) e Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) E Pereira (2024), com ênfase na análise da ironia como ferramenta discursiva e estratégia de comunicação no ecossistema digital do Twitter.

Palavras-chave: Ironia; referenciação; X ; tecnodiscurso

[1] Graduanda do curso de Letras Língua portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB); bolsista de Iniciação Científica da FUNCAP/BPI.nicoleribeirosilva2001@gmail.com

[2] Professora Adjunta da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro- Brasileira (UNILAB); Pesquisadora da FUNCAP/BPI. marizabrito02@gmail.com

1. Introdução

Este trabalho analisa os fenômenos tecnolinguageiros em textos irônicos publicados na rede social X sob a perspectiva da Linguística Textual. A ironia nas produções digitais (Paveau, 2021) é tratada não apenas como um recurso de linguagem característico da Web 2.0, mas como um meio estratégico de argumentação que mobiliza elementos contextuais e socioculturais. A tecnodiscursividade nas interações online, quando combinada com a ironia, introduz uma camada adicional de complexidade na construção e interpretação dos textos, evidenciando o papel de estratégias discursivas para influenciar o interlocutor.

O estudo busca explorar como os usuários da língua, em suas produções discursivas digitais, constroem significados irônicos que influenciam o posicionamento e as relações estabelecidas no ecossistema digital do X. A escolha dessa rede social deve-se às suas particularidades linguísticas, interacionais e tecnológicas, que enriquecem o sentido dos textos irônicos. Partimos da suposição de que a identificação da ironia em textos publicados no X, envolve não apenas elementos linguísticos, mas também nuances contextuais e socioculturais (Cavalcante, Brito e Faria, 2023).

A pesquisa enfoca a construção da referenciação em textos irônicos como estratégia argumentativa. Nosso objetivo é demonstrar como a referenciação potencializa a persuasão, tornando a ironia uma ferramenta significativa no circuito comunicativo digital. Para tanto, ancoramo-nos nos processos referenciais propostos por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014), que consideram as dimensões interacionais e sociocognitivas essenciais para a compreensão textual. A visão de Marques (2016) e Hutcheon (2000) sobre a ironia como fenômeno discursivo também guia nosso trabalho, destacando sua capacidade de subversão e crítica.

Dessa forma, a proposta de analisar a ironia sob a ótica da Linguística Textual permite entender como a referenciação e a argumentação são construídas para fins persuasivos no ecossistema digital do X, influenciando não apenas os interlocutores diretos, mas também terceiros. Nas próximas seções, abordaremos os fenômenos de ironia e referenciação.

2. A Ironia

No livro "Teoria e Política da Ironia," Hutcheon (2000) propõe uma compreensão profunda de como e por que a ironia é utilizada e entendida como uma prática ou estratégia discursiva, além de explorar as consequências tanto de sua compreensão quanto de seu mal-entendido. Nesse contexto, nossa pesquisa visa compreender, sob a perspectiva da Linguística Textual, como a ironia se manifesta e quais são seus efeitos nos textos nativos digitais. No entanto, ao abordar a ironia, é fundamental entendê-la em sua origem até os estudos atuais.

Primeiramente, falaremos da ironia na Antiguidade Clássica. A primeira menção do termo ironia se deu na Filosofia nos textos de Platão, ou seja, é a partir da Filosofia que podemos investigar e compreender o que é a ironia, inicialmente. O termo ironia, no grego ‘eironeia’, foi desenvolvido por Sócrates; entretanto, aparece na obra "A República" de Platão, já que Sócrates não deixou nada escrito. O termo significa "perguntar fingindo ignorar", e essa estratégia foi utilizada por Sócrates como parte de seu método maiêutico.

> XI. Trasímaco - Ouvindo isto, riu sarcasticamente e disse: - Ó, Heracles!
> Aqui está Sócrates com sua costumeira ironia. Já os havia dito que não querias responder, senão que te esquivarias de responder, se alguém lhe perguntasse."
> (A República, 1965)

Marques (2016) traça um panorama da ironia desde a Antiguidade Clássica, evidenciando que as reflexões iniciais sobre a ironia, assim como outras questões de linguagem, se deram no campo filosófico.

> O fenômeno da ironia não é novo e sua primeira menção remete à Antiguidade Clássica, ainda nos textos platônicos; essa primeira menção, embora não seja a invenção do fenômeno, é, todavia, o primeiro registro que temos da reflexão sobre ele. Desse modo, podemos inferir que as reflexões iniciais sobre a ironia, assim como as reflexões sobre toda uma série de questões de linguagem, se deram dentro do campo filosófico.
> (Marques, 2016, p.26)

Dado que Sócrates não deixou registros escritos, é interessante analisar a construção do termo ironia que lhe é atribuída. Marques (2016) reflete sobre a associação da ironia socrática com a "pergunta ingênua" para questionar e refutar argumentos.

> [...] duas estratégias se colocam eficazmente num debate: num primeiro momento, Sócrates relativizava seus argumentos, ao construir suas asserções como perguntas, fingindo ignorância; posteriormente, as perguntas propostas pelo filósofo serviam muito mais para fazer emergir a fraqueza do raciocínio defendido por seu interlocutor do que propriamente obter uma resposta.
> (Marques, 2016, p.27)

Na sequência, Marques (2016) menciona Aristóteles, que, em sua "Retórica," relaciona a ironia com a arte da persuasão. Aristóteles aponta que a ironia, além de ser um modo de comportamento, possui um componente linguístico.

> De início, podemos notar ao menos um deslocamento entre a acepção que é apresentada em A República e a acepção que Aristóteles propõe: aqui a ironia é sim um modo de comportamento, mas há também um componente linguístico envolvido no fenômeno.
> (Marques, 2016, p. 29)

Quintiliano, por sua vez, é reconhecido por sistematizar o estudo da ironia como construção enunciativa, destacando-a como uma figura retórica que expressa ideias contrárias ao significado literal.

> [...] a investigação sobre a ironia tornou-se efetivamente preocupada com sua realização na estrutura do enunciado, tendo sido a oratória responsável por dar continuidade de forma sistemática ao estudo da ironia enquanto construção enunciativa e cujo teórico de destaque é Quintiliano.
> (Marques, 2026, p. 29)

Na Linguística Textual, compreendemos a ironia como um fenômeno que ocorre na unidade de comunicação e sentido, ou seja, no texto. A análise desse fenômeno se desenvolve no contexto da interação, focando-se na ironia como um conflito entre redes referenciais em um cenário contextualizado com valores e crenças (Cavalcante, Brito e Faria, 2023). Hutcheon (2000) observa que a ironia possui sempre um "alvo" e apresenta uma aresta crítica, capaz de desafiar normas e culturas.

Para Pereira (2024), a ironia deve ser vista como uma formação discursiva que produz efeitos de sentido e influencia a interpretação textual. Concordamos com essa perspectiva e exploramos a interação da ironia com seu contexto, buscando compreender como ela gera sentidos e direciona a leitura do texto.

> Dessa forma, enquanto Brait se dedica a investigar a estruturação da ironia como uma forma de interdiscurso, considerando formações discursivas presentes nas práticas ideológicas, Hutcheon e nós estamos mais interessados em explorar o efeito da ironia, ou seja, como ela é utilizada para produzir sentidos e influenciar a interpretação do texto em contexto.
> (Pereira, 2024, p. 52)

Assim, a pesquisa proposta busca analisar a ironia em seus aspectos textual-interacionais e discursivos, conforme delineado por Cavalcante, Brito e Farias (2023).

A ironia desafia as expectativas do interlocutor, que pode não ser seu destinatário direto, mas um terceiro influenciado pelo discurso.

> Dizemos 'quem interpreta' porque nem sempre o locutor planeja o ato irônico para ser 'captado' pelo interlocutor a quem fala diretamente. Por vezes, o locutor já projeta que o interlocutor não alcançará a oposição de sentidos da ironia feita para desqualificá-lo, mas que um outro participante (até mesmo o terceiro) assim o fará.
> (Cavalcante, Brito e Farias, 2023, p. 06)

As marcas referenciais, portanto, desempenham papel essencial na construção e interpretação dos sentidos irônicos, revelando uma complexidade significativa que merece atenção em nossa análise. Na próxima seção, veremos um estudo acerca da referenciação e os processos referenciais presente neste objeto de estudo linguístico.

3. Um estudo da referenciação

Halliday e Hasan (1976) propuseram que uma das formas de coesão textual se dá por meio da retomada de elementos textuais através de expressões referenciais, marcando o início dos estudos sobre referência. No Brasil, Ingedore Koch destacou essa proposta em sua obra clássica "A coesão textual," consolidando os fundamentos da teoria de Halliday. Segundo Koch (1989), a coesão referencial ocorre quando um elemento de um texto remete a outros elementos presentes no mesmo texto ou que são inferíveis a partir de seu contexto.

> Chamo, pois, de coesão referencial aquela em que um componente da superfície do texto faz remissão a outro(s) elemento(s) nela presentes ou inferíveis a partir do universo textual. Ao primeiro denomino forma referencial ou remissiva e ao segundo, elemento de referência ou referente textual.
> (Koch, 1989)

Nos interessa focar na concepção de referente conforme proposto por Koch. Para a autora, o referente é construído no texto à medida que é (re)nomeado.

> Recorde-se também, como foi dito no capítulo anterior, que o referente representado por um nome ou sintagma nominal (SN) vai incorporando traços que lhe vão sendo agregados à medida que o texto se desenvolve; ou seja, como diz Blanche-Benveniste (1984), o referente se constrói no desenrolar do texto, modificando-se a cada novo 'nome' que se lhe dê ou a cada nova ocorrência do mesmo 'nome'. Isto é, o referente é algo que se (re)constrói textualmente.
> (Koch, 1989)

Koch exemplifica que a remissão pode ocorrer de forma anafórica ou catafórica.

> A remissão, como vimos, pode ser feita para trás e para frente, constituindo uma anáfora ou uma catáfora. Vejam-se os exemplos:

1. O homenzinho subiu correndo os três lances de escadas. Lá em cima, ele parou diante de uma porta e bateu furiosamente. (anáfora)
2. Ele era tão bom, o meu marido! (catáfora)
(Koch, 1989)

Com o avanço dos estudos, percebeu-se que a referência não deveria ser tratada de maneira restrita às informações contidas em um texto. A compreensão de um texto depende de outras instâncias, o que levou ao desenvolvimento dos estudos sobre a referenciação, tema central desta pesquisa.

A teoria da referenciação proposta por Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) salienta o caráter dinâmico do processo de construção dos referentes no texto. Para entender a referenciação, é necessário abordar dois conceitos fundamentais: o referente e a expressão referencial.

> O referente (ou objeto de discurso) é a representação na mente dos interlocutores de uma entidade estabelecida no texto {...} A expressão referencial é uma estrutura linguística utilizada para manifestar formalmente, na superfície do texto (ou seja, no cotexto), a representação de um referente.
> (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

Assim, compreendemos que o referente é uma entidade construída no texto e representada discursivamente, enquanto a expressão referencial surge na atividade discursiva como o resultado da elaboração desse referente. A teoria se fundamenta em três princípios: a instabilidade do real, a negociação dos interlocutores e a natureza sociocognitiva (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014). A instabilidade do real refere-se ao fato de que a linguagem não representa objetos de forma objetiva e imutável, mas os constrói conforme o contexto de interação.

> A primeira ideia sobre o processo da referenciação se apoia na constatação de que a função primordial da linguagem é prover uma forma de acesso a uma dada realidade. Para compreender a natureza dos processos referenciais, é absolutamente fundamental que se entenda, desde já, que os objetos do mundo não são expressos, nos textos, de forma objetiva e imutável, pois eles sempre são construídos de acordo com as especificidades de cada situação de interação (o que implica, entre outras coisas, as características dos interlocutores e as suas intenções).
> (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A construção referencial se modifica conforme o contexto e as intenções dos interlocutores. Cavalcante et al. (2022) destacam que a negociação entre interlocutores é essencial para a construção dos sentidos textuais, sendo um processo dinâmico que permite ajustes e reformulações ao longo da interação.

> Quando produzem e compreendem textos, os sujeitos participam ativamente da interação, de modo que estão sempre negociando os sentidos construídos. O processo é amplamente dinâmico, porque permite modificações com o desenrolar das ações. A construção referencial nada mais é que o resultado dessa negociação.
> (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A negociação entre interlocutores confirma as caracterizações, propõe reformulações e elabora novos referentes (Brito, 2014). O terceiro princípio, a natureza sociocognitiva da referenciação, conecta o processo de construção de referentes ao conhecimento e à cultura.

> Como vimos, o estatuto do texto e da coerência é visto sob um viés sociocognitivo. Essa proposta procura estabelecer uma relação essencial entre o processo de conhecer (da alçada da cognição) e as experiências culturais (da alçada do social), embora não se separem, a rigor, esses dois níveis: o cognitivo e o social. Talvez o fenômeno textual-discursivo que explicite mais claramente essa tendência seja a referenciação.
> (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A exemplo disso podemos ver a seguir:

Exemplo (1) – Um maluco em pedaços

https://x.com/faiscaforte/status/1857064030709436790

A natureza sociocognitiva confere ao processo referencial um dinamismo que torna o texto incompleto, exigindo mecanismos cognitivos para a recuperação de informações implícitas. Nesta postagem realizada em 14/11/2024 pelo perfil @faiscaforte, a referência ao título da minissérie americana "Um Maluco no Pedaço" é subvertida para "um maluco em pedaços", ironizando o desfecho trágico do atentado em Brasília, em que a única vítima fatal foi o próprio suspeito, atingido pela explosão da bomba. O jogo referencial e intertextual,

neste caso, cria um efeito irônico ao contrapor o título original ao contexto apresentado, enfatizando a ideia de fracasso e autossabotagem.

Quando a postagem irônica utiliza a frase "um maluco em pedaços" e faz referência ao suposto atentado, ela está utilizando a linguagem humorística e mordaz para sinalizar uma série de significados que incluem a crítica ao autor do ataque, enfatizando sua falta de sucesso ou mesmo a incongruência de suas ações. A associação ao título de uma série famosa cria uma camada de interpretação cômica que exige do leitor contextualizar e compreender a crítica implícita.

Em síntese ao que foi explorado até o momento sobre a referenciação, Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014) a definem como a "construção sociocognitiva de objetos de discurso reveladores da versão da realidade e estabelecidas mediante processo de negociação." (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014).

A seguir, focaremos nos processos referenciais e observaremos como esses processos constroem os sentidos de uma texto, sejam eles nativos digitais ou não.

3.1 Os processos referenciais

No item anterior, exploramos os três princípios fundamentais da referenciação, conforme Cavalcante, Custódio Filho e Brito (2014). Agora, voltaremos nossa atenção aos processos referenciais, que têm como objetivo contribuir para a construção da coerência textual e discursiva (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014).

Sobre os processos referenciais, Cavalcante et al. (2022) destacam que:

> […] o estudo dos processos referenciais não se limita a meras identificações e classificações de expressões referenciais, mas sobretudo, a observar como tais processos constroem sentidos e pontos de vista, através das relações entre referentes em rede. (Cavalcante et al., 2022)

Os principais processos referenciais são: introdução referencial, anáfora e dêixis.

3.1.2. Introdução referencial

A introdução referencial ocorre quando um referente é mencionado pela primeira vez em um texto. Isso significa que o objeto de discurso é completamente novo no cotexto.

> “Falaremos de introdução referencial apenas quando um objeto for considerado novo no cotexto e não tiver sido engatilhado por nenhuma entidade, atributo ou evento expresso no texto. Além da função intrínseca de introduzir uma entidade no texto/discurso, as introduções referenciais podem cumprir finalidades outras, como a de construir processos intertextuais.” (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

3.1.3 Anáfora

A anáfora é um processo referencial que retoma ou continua um referente mencionado anteriormente no texto. Existem diferentes tipos de anáfora, incluindo anáfora direta e indireta.

> Comecemos por entender que existe mais de um tipo de anáfora, mas, qualquer que seja a espécie, todas têm em comum a propriedade de continuar uma referência, de modo direto ou indireto. (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A anáfora direta, ou correferencial, retoma diretamente o referente já mencionado no texto. Essa retomada pode ser feita através de repetições, sinônimos, hiperônimos, pronomes, entre outros.

> É importante observar, então, que não apenas as repetições podem ser marcas de anáforas diretas, mas também sintagmas nominais alternativos, como sinônimos, hiperônimos, pronomes, normalização e etc.
> (Koch, 2015, apud Cavalcante et al., 2022, p.293)

Apesar de retomar o referente, valores e pontos de vista são adicionados, permitindo a progressão textual (Cavalcante et al., 2022). A anáfora indireta, por outro lado, introduz um novo referente que se associa indiretamente ao já existente, criando conexões através de pistas não só contextuais, mas, principalmente, contextuais.

> Agora, passemos a analisar um outro tipo de anáfora, diferente da correferencial, porque não retoma o mesmo referente: trata-se das anáforas indiretas, ou não correferenciais. Essas anáforas indiretas, embora não retomem exatamente o mesmo objeto de discurso, e aparentemente introduzam uma entidade ‘nova’, na verdade remetem ou a outros referentes expressos no cotexto, ou a pistas cotextuais de qualquer espécie, com as quais se associam para permitir ao coenunciador inferir essa entidade. (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

As anáforas indiretas exigem que o interlocutor mobilize seu conhecimento de mundo e referências culturais para recuperar os sentidos implícitos (Cavalcante et al., 2022).

3.1.4 Dêixis

A função dêitica refere-se à introdução ou retomada de objetos do discurso no texto, com base no contexto enunciativo e no origo (ponto de origem do locutor).

> A função dêitica ocorre quando os objetos do discurso são introduzidos ou retomados no texto, pressupondo, necessariamente, o contexto enunciativo respectivamente pelo seu origo, isto é, o ponto de origem do locutor/enunciador. (Cavalcante et al., 2022)

A dêixis tem diferentes categorias, incluindo dêixis pessoal, social, espacial, temporal e textual. A dêixis pessoal refere-se às pessoas envolvidas no contexto interacional, geralmente marcada pelo uso de pronomes pessoais.

> Nenhuma outra forma da língua é mais prototípica da dêixis de pessoa do que os pronomes pessoais. Como já o afirmara Benveniste (1988), os pronomes de primeira e de segunda pessoa são os verdadeiramente 'pessoais', aqueles que representam os participantes efetivos de um ato de comunicação: quem fala e com quem se fala. (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A **dêixis social** refere-se às formas de tratamento que revelam os relacionamentos sociais entre os participantes da interação.

> Os dêiticos sociais são como que uma particularização dos dêiticos pessoais. Distinguem-se destes por revelarem 'os relacionamentos sociais por parte dos participantes da conversação, que determinam, por exemplo, a escolha dos níveis discursivos honoríficos ou polidos, ou íntimos ou insultantes' (FILLMORE, 1971, p. 39). Assim como a dêixis pessoal, a social também remete diretamente aos interlocutores, mas as formas que a codificam refletem relacionamentos em sociedade que condicionam a escolha dos níveis de maior ou menor formalidade. (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A **dêixis espacial** indica a localização ou o espaço relativo do interlocutor em relação ao referente.

> Os dêiticos espaciais marcam as noções de proximidade/distância do locutor em relação a um dado referente. Eles apontam para um lugar situado e referido com relação a quem fala. (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

A **dêixis tempora**l refere-se ao tempo em que um evento ocorre.

> Assim como os dêiticos espaciais, os dêiticos temporais são também indicadores de ostensão, porque apontam para um 'lugar' e fixam uma fronteira de tempo que toma por referência o posicionamento do eu falante no momento da comunicação. (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

No contexto digital, a dêixis temporal pode ser observada na data de publicação ou republicação de postagens, mantendo a relevância de ironias mesmo em diferentes momentos de leitura. A dêixis textual ou discursiva refere-se ao espaço em que o texto se materializa.

> Sob esse prisma de ordenação, qualquer ponto no cotexto pode ser considerado como ocorrendo antes, durante ou depois do último momento em que o falante enunciou alguma coisa. Expressões típicas desse fenômeno são: 'como mostramos no exemplo anterior', 'a seguir', 'na ilustração abaixo', dentre tantas outras, tomadas diretamente da semântica de espaço/tempo: acima, aqui, agora etc.
> (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014)

Consideraremos os processos referenciais para estudar a ironia sob a perspectiva da Linguística Textual, assim, abordando o tecnodiscurso de Paveau (2021) para entender o funcionamento do discurso digital no próximo tópico deste artigo.

4. O fenômeno da tecnodiscursividade

A Web 2.0 trouxe profundas transformações para a vida virtual, como observa Marques (2016):

> Enquanto a configuração da Web 1.0 esteve associada à popularização dos computadores, a configuração da Web 2.0 esteve associada à popularização do acesso às conexões de dados e uma maior eficiência destas, acompanhada da simplificação das formas de interação – aqui já não é necessário dominar a linguagem de programação e os conhecimentos altamente especializados são dispensáveis para a produção e a circulação de boa parte dos conteúdos na Web 2.0. (Marques, 2016, p. 70-71)

Com o advento da internet, a interação virtual tornou-se parte integrante do cotidiano dos internautas devido à ascensão das redes sociais. O usuário passou a ocupar um papel central na comunicação, participando ativamente do compartilhamento e circulação de notícias e informações.

> Os compartilhamentos de conteúdo são comuns e numerosos na web porque eles são uma de suas características principais: a web 2.0 é de fato uma web social, participativa, que se define por racionalidade.(Paveau, 2021, p. 323)

Dado nosso interesse específico pelas redes sociais, em particular pela plataforma X, que possui características distintas e relevantes para o estudo da ironia, é essencial compreender a interação e a linguagem próprias desse ecossistema. Nesta seção, abordaremos o conceito de tecnodiscurso , conforme proposto por Paveau (2021).

O conceito de tecnodiscurso, segundo Paveau (2021), refere-se às produções textuais realizadas na internet por meio das ferramentas das mídias digitais. No entanto, abordaremos o conceito como tecnodiscursividade (Cavalcante, *et al* 2022) por se tratar de atos de linguagens integradas em recursos digitais, indireta ou diretamente (Cavalcante *et al,* 2022) apresentam especificidades, uma vez que os "textos" são projetados e propagados nas redes sociais.

Paveau caracteriza como tecnologia discursiva o uso discursivo da linguagem em um ambiente digital, no qual a tecnologia gera o tecnodiscurso.

> A noção de tecnologia discursiva é proposta na continuidade da de tecnologia cognitiva, para dar conta, na perspectiva de uma cognição externa, da contribuição de instrumentos materiais para a elaboração dos pré-discursos.
> (Paveau, 2021)

Dentro do tecnodiscurso delineado por Paveau (2021), existem diversas categorias que sustentam o funcionamento tecnolinguageiro. Um exemplo é a tecnopalavra, elemento lexical clicável que direciona o usuário de um texto-fonte para um texto-alvo, criando novas situações interacionais no ecossistema digital. Tecnopalavras incluem URLs, links, hashtags e menções (@). Tecnosignos são botões de compartilhamento e reações, como curtidas. Já os tecnogêneros são gêneros específicos dos ambientes digitais nativos, como as thread topics no X, que agrupam temas virais e amplamente discutidos pelos usuários.

Consideramos que a presença da tecnodiscursividade (Cavalcante *et al*, 2022) nas interações online, quando usada em conjunto com a ironia como recurso argumentativo, agrega uma camada adicional de complexidade à construção e interpretação dos textos. Tal combinação envolve elementos contextuais e socioculturais, que são fundamentais para o entendimento pleno dos sentidos construídos no discurso digital.

Cada fenômeno e objeto de estudo presente neste artigo serviu de uma linha de raciocínio para análises irônicas no contexto do ecossistema digital X, objeto de coleta de corpus desta pesquisa. Assim, veremos agora, uma análise linguística da Ironia e referenciação nas postagens retiradas do X.

5. Referenciação e Ironia: uma análise linguística

Como discutido na seção 3.1, os processos referenciais têm o objetivo de contribuir para a construção da coerência textual (Cavalcante, Custódio Filho e Brito, 2014). Agora, analisaremos os processos referenciais na construção da ironia no ecossistema digital X. Analisaremos 4 postagens.

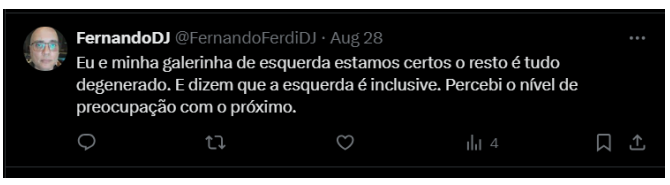
A identificação de textos irônicos na rede social X não envolve apenas elementos linguísticos diretos, mas também nuances contextuais e socioculturais. Nesse sentido, a referenciação desempenha um papel essencial na recuperação de informações para a interpretação de uma postagem irônica.

Exemplo 2- Postagem retirada do Twitter do perfil *@marcelorubens*

https://x.com/marcelorubens/status/1828112729028067706

Esta postagem, realizada em 26 de agosto de 2024, refere-se às eleições municipais no Brasil, especificamente para a prefeitura de São Paulo, a maior capital do país. O autor, @marcelorubens, utiliza o referente Pablo Marçal como processo de introdução referencial para abordar a degradação da política brasileira. Ao introduzir o referente, o autor sugere que Marçal é um reflexo dessa degradação social. Em seguida, recupera o referente Pablo Marçal de forma anafórica direta para mencionar outros referentes, ainda não citados, que se assemelham ao já mencionado – caracterizando um processo de anáfora indireta. Apesar de nos determos para fins analíticos aos processos referenciais marcados cotextualmente, reconhecemos que a referenciação é um processo dinâmico que abrange não apenas o texto, mas também o contexto sociocultural de toda uma rede referencial. Isso implica que os referentes são construídos, reconstruídos e negociados com base nas experiências, intenções e interações dos usuários, conectando o discurso ao contexto mais amplo no qual está inserido. No princípio da ironia, observamos um comentário subsequente:

Comentário retirada do X (twitter) *@fernandoferdiDJ* acerca da postagem original do *@marcelorubens*



https://x.com/FernandoFerdiDJ/status/1828730391269716236

Neste comentário, o autor faz uma ironia em relação ao termo "sociedade degradada" ao afirmar: "eu (referindo-se ao autor da postagem original) e minha galerinha de esquerda estamos certos, o resto é tudo degenerado." Ao utilizar os termos "eu" e "minha," ele se coloca na posição do perfil que fez a postagem inicial, ironizando a posição política de @marcelorubens. A expressão "estamos certos, o resto é tudo degenerado" representa uma postura irônica, sugerindo discordância ao mesmo tempo em que critica a visão original. Como observa Pereira (2024):

> [...] esta função discursiva da ironia merece destaque. A característica de autoproteção da ironia é altamente eficiente em situações comuns de julgamento e avaliação, pois, ao permitir ao ironista a ambiguidade, também lhe permite negar o julgamento que, embora não explicitado, é comunicado, podendo ser inferido. (Pereira, 2024, p. 53)

A função de autoproteção (Pereira, 2024) da ironia é perceptível quando o comentário parece concordar com a mensagem original, mas, na realidade, emite um julgamento crítico ao autor.

Exemplo 3- postagem retirada do perfil *@oficialjessicao*

https://x.com/oficialjessicao

Nesta postagem, o perfil apresenta uma captura de tela de uma reportagem do Estadão via UOL, que dizia: "Esquerda vai continuar sendo massacrada nas redes se não regularmos" – uma declaração feita pela líder do Partido dos Trabalhadores em 24/10/2024 sobre a regulamentação das redes sociais no país. Para a deputada, os algoritmos favorecem postagens de ódio contra a esquerda. O perfil @jessicão, em 30 de outubro, publicou uma mensagem irônica sobre a fala, sugerindo que o Partido dos Trabalhadores (PT) havia investido em influenciadores e artistas para promover suas ideias, mas que isso não impediu as críticas nas

redes sociais. Ao ironizar, @jessicão questiona a ideia de regulamentação, associando-a a censura dos opositores.

Pereira (2024) afirma que a ironia pode "subverter o sistema opressor utilizando os discursos dominantes para desconstruí-los." Nesse contexto, o perfil @jessicão constrói um discurso que critica a regulamentação proposta, argumentando que se trata de uma tentativa de censura, o que influencia os usuários a refletirem sob essa perspectiva. Conforme Pereira:

> Essas funcionalidades exigem que o ironista camufle sua declaração, incorporando ora o discurso a ser desconstruído, ora partindo de uma associação discursiva duvidosa, que à primeira vista parece ter uma relação fraca de semelhança. Ao mesmo tempo, essas funcionalidades exigem que o ironista deixe pistas de contextualização para que o interlocutor perceba e coloque em prática esse jogo. (Pereira, 2024, p. 53-54)

Exemplo 4- postagem retirada do perfil *@direitasiqueira*

https://x.com/direitasiqueira

Nesta postagem de 14 de agosto, relacionada ao Dia dos Pais, o perfil faz uma menção irônica sobre o que significa ser pai, aludindo, de forma indireta, ao ex-presidente Bolsonaro e a uma suposta interferência da Agência Brasileira de Inteligência (Abin) em investigações relacionadas a seu filho, Jair Renan Bolsonaro. Embora o texto não mencione explicitamente nomes, os usuários podem inferir o contexto devido ao conhecimento prévio sobre o assunto e ao caráter crítico e irônico do perfil. Cavalcante e Santos (2012) destacam a importância dos conhecimentos prévios na construção dos sentidos e na reelaboração dos referentes:

> Em todo texto/discurso, o enunciador constrói a referência com base numa interpretação do mundo real, recategorizando a informação precedente ao acrescentar novas predicações, disponíveis, em diferentes medidas, no conhecimento

> das pessoas, à medida que transcorre a interação.
> (Cavalcante; Santos, 2012, p. 660)

Um dos processos referenciais que possibilita essa recuperação é a dêixis, pois aponta para algo ou alguém e facilita o entendimento com base no contexto interacional. Mesmo sem nomes explícitos, o interlocutor pode inferir o sentido da ironia e identificar o alvo das críticas, resultando em uma estratégia persuasiva. Pereira (2024) afirma que:

> Assim, se aparentemente existe neutralidade na apresentação e retomada de um objeto no texto, essa neutralidade é meramente superficial, visto que a maneira como escolhemos expressar as categorias do mundo por meio do texto é um ativo processo de interpretação e recriação, revelando posicionamentos e, portanto, sendo altamente argumentativo. (Pereira, 2024, p. 70-71)

Conforme Cavalcante e Santos (2012) indicam, é necessário observar as relações entre os elementos textuais para compreender a construção dos sentidos em um texto. Dessa forma, a referenciação se configura não apenas como um recurso linguístico, mas como uma estratégia persuasiva que contribui para a construção da ironia nas postagens do ecossistema digital X. Assim, diante do exposto até aqui, concluiremos este estudo com as considerações e percepções acerca do presente trabalho.

6. Considerações finais

Diante do que foi analisado sobre a ironia em textos do ecossistema digital X (Twitter), foi possível observar que a referenciação atua como uma estratégia crucial na materialização desses textos. Para acessar os sentidos de um texto, muitas vezes é necessário recorrer aos conhecimentos compartilhados, pois a interpretação de determinadas mensagens depende do fato de os interlocutores possuírem um contexto comum (Cavalcante e Santos, 2012). Nesse sentido, para que a ironia seja compreendida, conforme argumenta Hutcheon (2000), é fundamental que os usuários da língua tenham conhecimento prévio, além de estarem situados no contexto social e interacional em que o texto se insere.

Após as análises realizadas, ficou claro o papel prático da referenciação na construção da ironia como uma estratégia argumentativa. Por meio do processo referencial, que é constitutivamente sociocognitivo, é possível identificar a ironia ao recuperar os sentidos de um texto por meio do conhecimento de mundo e das realidades sociais e culturais de cada interlocutor. Em outras palavras, algumas ironias presentes em textos digitais nativos só podem ser plenamente compreendidas quando contextualizadas nos ambientes sociais e culturais específicos dos usuários. O posicionamento político do usuário e sua perspectiva

sobre o mundo influenciam diretamente como a ironia é empregada e interpretada, podendo ser percebida como crítica negativa, caso esteja em desacordo com as crenças e valores do interlocutor.

Concluindo, este estudo buscou relacionar as marcas de ironia identificadas à Linguística Textual, explorando a interconexão entre texto, contexto e aspectos socioculturais na construção e interpretação da ironia.

REFERÊNCIAS

CAVALCANTE, M. M et al. **Linguística Textual – conceitos e aplicações.** Campinas, SP: Pontes Editores, 2022.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; BRITO, Mariza Angélica Paiva; FARIA, Maria da Graça dos Santos. **Atos linguageiros de ironia sarcástica: considerações argumentativas em linguística textual.** 2023.

CAVALCANTE, Monica Magalhaes; CUSTODIO FILHO, Valdinar; BRITO, Mariza Angelica Paiva. **Coerência, referenciação e ensino.** [S. l.: s. n.], 2014.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães; SANTOS Leonardo Werneck. **Referenciação e marcas de compartilhamentos**. 2012.

CUSTÓDIO FILHO, Valdinar. **Expressões referenciais em textos escolares: a questão da (in)adequação.** 186p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006

HUTCHEON, Linda. **Teoria e politica da Ironia.** [S. l.]: Editora ufmg, 2000

KOCH, Ingedore G. V. **A coesão textual.** 11. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

MARQUES, Girllaynne Gleyka Bezerra Dos Santos. Recursos de ironia em interações digitais: Um estudo do gêneros compartilhamento de notícias. Recife: UFPE, 2016.

PAVEAU, Marie Anne. **Análise Do Discurso Digital: dicionario das formas e das praticas**. [S. l.: s. n.], 2021

PEREIRA, Danielle Ketley De Sousa. **ASPECTOS TEXTUAIS DA IRONIA**. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira- UNILAB, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Acarape, 2024.